

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Realizemos as resoluções da Conferência da Oposição

Activemos o movimento das Juntas Patrióticas

A Conferência da Oposição realizada em Dezembro passado veio dar um novo impulso ao movimento unitário contra a ditadura. Dentro do país e nos meios da emigração democrática, a corrente unitária reforça-se, pondo de lado as divergências que enfraquecem, reunindo todos os esforços na intensificação da luta anti-fascista. Em vários pontos do país, o comunicado e resoluções da Conferência foram saudados calorosamente pela maioria dos anti-fascistas que procuram unir-se para novas acções. No estrangeiro (Brasil, Uruguai, Venezuela, França) criam-se ou reforçam-se as juntas patrióticas que desenvolvem um activo trabalho entre a emigração portuguesa.

O nosso Partido, que teve uma delegação sua presente na Conferência, está disposto a fazer todos os esforços para levar à prática as resoluções e recomendações aí aprovadas.

Como foi assinalado nas conclusões da Conferência, as Juntas de Acção Patriótica devem ser reforçadas, devem desempenhar um papel maior na mobilização do povo para as mais variadas lutas económicas e políticas. Só organismos UNITÁRIOS e CLANDESTINOS como são as juntas, podem criar uma larga estrutura que se defenda eficazmente da repressão e que sirva de apoio ao desencadearmento de grandes movimentos anti-fascistas. Conduzindo o povo à luta em todo o país, as Juntas de Acção Patriótica criarão uma situação favorável a acções decisivas para derrubar o governo fascista.

Mas nunca é demais insistir em que essa situação favorável a um levantamento popular não surge espontaneamente, se

as juntas se transformarem em grupos fechados de conspiradores sem influência política no povo, elas não poderão cumprir a sua missão. É preciso criar imediatamente onde as condições forem mais favoráveis, novas juntas patrióticas que conduzam acções de massas. Essas acções poderão ser manifestações em defesa de interesses locais, boicotes em cerimónias fascistas, acções contra a mobilização e partida de soldados para a guerra, participação de listas oposicionistas nas eleições de freguesia (cujo reconhecimento está a decorrer), acções de resistência contra a repressão e pela libertação dos anti-fascistas presos, agitação e esclarecimento, etc.

Este é o caminho para levantar o povo contra a ditadura!

Que termine um cativoiro de 23 anos!

MANUEL RODRIGUES DEVE SER LIBERTADO

Nos últimos meses tem vindo a intensificar-se a campanha para a libertação dos presos políticos em «medidas de segurança». As famílias, os advogados, as pessoas de coração enviam protestos às autoridades e movimentam-se contra a ameaça de prisão perpétua que pesa sobre muitas dezenas de patriotas com as penas já cumpridas.



Entre eles contam-se: Manuel Guedes (com 17 anos de prisão e a pena terminada em Novembro de 1955; está portanto em «medidas de segurança» há 7 anos!), Adolfo Ramos (cuja pena terminou em 1958), dr. Humberto Lopes (em «medidas de segurança» há 3 anos), Ivone Lourenço e Maria da Piedade dos Santos (ambas com a pena terminada há dois anos), Aida Paula, Osear dos Reis, Luís Nogueira, António Lima, etc.

Mas o caso que melhor sintetiza toda a barbaridade das «medidas de segurança» é o de Manuel Rodrigues da Silva, militante operário que tem já 23 anos de prisão.

Manuel Rodrigues que é militante comunista há 30 anos, era operário metalúrgico na Manutenção Militar em Lisboa e um destacado dirigente sindical quando foi preso e deportado para o Tarrafal onde esteve 9 anos sem ter sido julgado sequer! Preso de novo em 1950, cumpriu já há 5 anos a pena a que foi condenado mas apesar de gravemente atacado por uma trombose cerebral continua encerrado numa cela da Fortaleza de Peniche.

É preciso agir para libertar Manuel Rodrigues! A sua libertação representará um grande impulso na luta contra as «medidas de segurança» e pela Amnistia. Só juntando organizadamente os esforços de todos os patriotas e portugueses de coração se pode criar um forte movimento pró-libertação de Manuel Rodrigues: formai comissões e grupos de amigos de Manuel Rodrigues! Recolhei dinheiro e roupas para lhe serem enviados! Enviai abaixo-assinados, cartas e telefonemas às autoridades! Interessai os advogados, os médicos, os membros da Igreja! Liberdade para Manuel Rodrigues da Silva!

COMEMOREMOS O 1.º DE MAIO

COM GREVES DE PROTESTO CONTRA O FASCISMO, COM ACÇÕES NAS EMPRESAS E SINDICATOS, COM PARALISAÇÕES, CONCENTRAÇÕES E MANIFESTAÇÕES!

— Apelo do Partido Comunista Português —

Vai fazer um ano que os trabalhadores portugueses juntamente com outras camadas progressistas souberam transformar a Jornada Internacional do Trabalho numa grande jornada contra o fascismo.

As heróicas manifestações de Lisboa, Porto, Aljustrel, Almada, Barreiro, Alpiarça e muitas e muitas outras terras, bem como a greve que alastrou por grande parte do Alentejo e Ribatejo e levou em seguida centenas de milhares de operários agrícolas à conquista da jornada das 8 horas e de melhores jornas, marcam um grande passo em frente na caminhada que o nosso povo está percorrendo para conquistar o Pão, a Liberdade e a Paz.

Desde então o regime de Salazar tem intensificado ainda a repressão e o terror, tem agravado a situação económica das grandes massas do nosso país, tem continuado a guerra em Angola e leva-a até outras colónias, onde os povos se levantam valentemente e obtêm êxitos na sua luta pela independência.

As grandes acções de Maio de 1962 foram o produto das experiências colhidas pelas massas em acções anteriores, em lutas por objectivos parciais desenvolvidas ao longo de anos nas empresas, nos campos, nas escolas, nos quartéis, etc.

Essas grandes acções foram igualmente o produto da organização, antes de mais da organização da classe operária e da sua vanguarda, o Partido Comunista, mas também da organização das outras camadas da população e do movimento anti-fascista.

Na comemoração do 1.º de Maio de 1963 terão influência as experiências recebidas e os passos dados na unidade, na organização e na acção das massas neste último ano.

Ali onde as massas têm lutado e existe uma organi-

zação capaz de as dirigir e orientar em acções mais firmes, quer seja em grandes ou pequenas empresas, quer seja nas grandes herdades ou nas aldeias, quer seja nas escolas ou noutros locais, COMEMOREMOS O 1.º DE MAIO COM GREVES DE PROTESTO CONTRA O REGIME FASCISTA, causador da miséria e da opressão do povo, da ruína económica da Nação, da entrega das suas riquezas aos imperialistas, da cederia de bases aos provocadores belicistas, da criminosa guerra colonial.

Essas GREVES DE PROTESTO CONTRA O FASCISMO devem ser aliadas às mais sentidas reivindicações económicas dos trabalhadores — aumento das jornas, salários e ordenados, a jornada de trabalho das 8 horas, a conquista de trabalho, etc.

Onde não houver condições para fazer greves de protesto, que se realizem ACÇÕES, nas empresas ou nos sindicatos, pela conquista das reivindicações dos trabalhadores.

Que se façam MINUTOS DE SILÊNCIO EM MEMÓRIA DE TODOS OS TRABALHADORES QUE DERMAM A VIDA NA LUTA PELAS ASPIRAÇÕES POPULARES, entre os quais se incluem ANTÓNIO ADÂNGIO, FRANCISCO MADEIRA, ESTÉVÃO GIRO, barbaramente assassinados pelos salazaristas nas lutas do 1.º de Maio de 1962.

Que se façam PARALISAÇÕES e CONCENTRAÇÕES e que se transformem estas em MANIFESTAÇÕES DE PROTESTO CONTRA O FASCISMO, sob as palavras de ordem de: QUEREMOS PÃO! LIBERDADE E AMNISTIA! ABAIXO A GUERRA DE ANGOLA! FORA OS IMPERIALISTAS! FORA SALAZAR E O FASCISMO!

Para que a comemoração do 1.º de Maio seja uma AMPLA JORNADA ANTI-FASCISTA é necessário:

- que se façam maiores esforços para unir e organizar as massas e para as levar à acção.
- que se faça uma grande campanha de agitação com targetas e manifestos, com inscrições e cartazes de modo a que chegue a toda a gente a palavra de ordem: Comemoramos o 1.º de Maio!
- que desde já se organize essa comemoração de acordo com as condições existentes em cada local de trabalho ou em cada terra, realizando reuniões, criando comissões, mobilizando as massas.

VIVA O 1.º DE MAIO!
VIVA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA!
VIVA A UNIDADE DE TODO O POVO EM LUTA CONTRA O REGIME FASCISTA DE SALAZAR!
VIVA PORTUGAL LIVRE, INDEPENDENTE E PACÍFICO!

Março de 1963

A Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português

A PRISÃO DE ROLANDO VERDIAL

No dia 3 de Fevereiro, foi preso numa rua de Lisboa Rolando Verdial, entregue miseravelmente à PIDE pelo traidor Pedro Manuel Santos. Aos seus gritos de protesto, a PIDE que o cercava espancou-o brutalmente a soco e a pontapé. Uma pancada na cabeça atirou-o ao chão; mas como continuava a resistir, foi manietado de pés e mãos e um agente apertou-lhe o pescoço de tal forma que quando o meteram num carro, Rolando Verdial ia desmaiado.

Estes espancamentos e brutaldades em plena rua na presença conivente de guardas da PSP, só são possíveis no ambiente de terror e repressão que se vive actualmente. Se este destacado militante do Partido foi assim espancado à vista das pessoas que passavam, mais é de temer pela sua vida, entregue inteiramente nas mãos da PIDE e em interrogatórios contínuos.

As vidas de Rolando Verdial e dos outros membros do Partido presos na mesma altura, devem ser salvos! Que sejam enviados postais e feitos centenas de telefonemas para a PIDE e M. do Interior, exigindo a comunicabilidade e libertação de Rolando Verdial e seus companheiros.

Visita a uma aldeia da Bulgária

— Uma crónica de Francisco Miguel

Francisco Miguel foi em Novembro à Bulgária levar as saudações do C.C. do nosso Partido ao congresso do Partido Comunista Búlgaro. Depois de fazer uma viagem pelo país, o camarada Francisco Miguel escreveu uma série de crónicas com as suas impressões sobre a construção socialista na Bulgária. É uma dessas pequenas crónicas que hoje publicamos.

Conhecendo as condições em que vivem as famílias camponesas no nosso país, manifestámos aos camaradas búlgaros o nosso interesse em visitar as aldeias do seu país. O nosso desejo foi prontamente atendido e posto imediatamente ao nosso dispor um automóvel.

Seguimos para a aldeia Trudovetz que tem 3.000 habitantes (750 famílias). Aqui cada família tem, em média, 4 divisões para habitar, em móradas de tijolo vermelho e de bom aspecto. A economia é uvas, frutas, hortalças e pecuária.

Na aldeia vemos marcos fontanários ao lado dos velhos poços donde antes tiravam água com a força dos braços. Visitámos o posto médico e aqui soubemos que a assistência médica é grátis. Há médico, parteira e médico dentista. No hospital, quando é caso disso, também nada pagam. O médico controla os doentes está sempre em estreita ligação com o hospital da cidade, para tudo o que é necessário. «Há cinco anos que aqui não morre uma criança — diz-nos a médica parteira». O médico visita uma vez por semana as parturientes e os filhos. Praticar-se desenvolvimento o parto sem dor. Os médicos controlam regularmente as condições higiénicas das casas de toda a aldeia.

Na aldeia há um cinema, novo, com 400 lugares e que funciona todos os dias. Entramos no cinema precisamente quando, na sala de música, terminava uma aula de concertina. Uma das alunas, de 14 anos, teve a amabilidade de tocar para nós. Cabe-nos dizer que tocava muito bem, o que visivelmente agradeceu ao seu professor, que

estava presente. Na aldeia há vários círculos de cultura que são frequentados pela juventude e pelos pioneiros.

Os estabelecimentos de venda nas aldeias estão muito bem organizados e têm as condições dos estabelecimentos das cidades provincianas. Tudo bem exposto e com um sistema de venda que mostra o elevado grau de civismo das que compram e das que têm a tarefa de vender, aparelhos de telefonia, artigos eléctricos, louças finas e fazendas de boa qualidade, grande variedade de compotas de frutas, perfumes, etc, impecavelmente expostos e em grande abundância.

A política do governo, de resto, é levar aos campos, às aldeias, as condições de vida da cidade.

Vendo tudo isto com os nossos próprios olhos, palpando toda esta realidade com as nossas próprias mãos, pensamos nos nossos camponeses, nos nossos aldeias pobres e enristecidos pela miséria dos seus habitantes, explorados, desempregados, doentes e sem assistência, vítimas de todos os vexames e de todas as injustiças. Mas ficamos com a certeza que também o nosso povo será capaz de construir o socialismo para viver livre e feliz como hoje já vive o povo da Bulgária.

Portugal é um país magnífico que tem todas as condições para vir a ser um país rico e próspero desde que no poder esteja o próprio povo. Derrubada a ditadura fascista de Salazar, instaurado um regime verdadeiramente democrático, o povo português ficará com o caminho aberto para construir a sua felicidade. Derrubar Salazar é, pois, o primeiro grande passo que há a dar. Para isso a Unidade da classe operária e dos camponeses, a Unidade de todos os democratas e homens progressivos é uma condição essencial. E nesse sentido que todos os portugueses amigos de sua Pátria devem orientar os seus esforços. Unir para vencer. Vencer para construir.

SOLIDARIEDADE

aos lutadores espanhóis!

«Prestamos homenagem aos valentes lutadores pela liberdade do povo irmão de Portugal, seguros da sua vitória sobre a ditadura salazarista», diz a mensagem que os presos políticos da prisão de Burgos dirigiram aos presos políticos portugueses. Esta solidariedade foi também acompanhada pelo «Mundo Obrero», órgão do C. C. do Partido Comunista Espanhol que publicou destacadamente notícias sobre a Conferência Pró-Amnistia aos presos e exilados políti-

cos portugueses, realizada em Paris.

Na luta contra as ditaduras fascistas de Salazar e Franco o povo português e espanhol fortalecem cada vez mais a sua amizade e solidariedade. Juntamos hoje a nossa voz à de tantas pessoas de coração do mundo inteiro para exigirmos a libertação do dirigente do Partido Comunista Espanhol, JULIAN GRIMAU que, preso e torturado pela polícia franquista, foi atirado numa janela à rua. A sua vida corre ainda perigo, é necessário que os nossos protestos ajudem também a salvá-la, protestando contra as brutalidades que sofrem os presos políticos espanhóis nas prisões franquistas.

Escrevamos e telefonemos para a Embaixada de Espanha, Rua do Salitre, 1, em Lisboa.

MANOLIS GLEZOS FOI LIBERTADO!

A Conferência Internacional pela Amnistia e pelo respeito dos Direitos do Homem na Grécia, que vai realizar-se em Paris a 23-24 de Março, ao apelo de eminentes personalidades francesas é um novo passo na crescente acção internacional de solidariedade ao povo grego.

Essa acção conseguiu já libertar o herói nacional da Grécia, MANOLIS GLEZOS, que tendo encabeçado a luta do povo contra os ocupantes hitlerianos, fora encarcerado pelo reaccionário governo grego. Expressando a satisfação de todos os anti-fascistas portugueses por este êxito, o camarada Alvaro Cunhal dirigiu ao Partido Comunista da Grécia uma mensagem de saudação em que diz nomeadamente: «Com o coração cheio de alegria, felicitamos pela grande vitória que o povo, as forças democráticas e o P.C. da Grécia, assim como a opinião democrática mundial acabam de conquistar — a libertação de Manolis Glezos». Alvaro Cunhal acrescenta que esta vitória dá novos motivos de confiança ao povo português na sua luta dura e difícil para derrubar a ditadura fascista e instaurar em Portugal um regime democrático.

O povo português que soube com satisfação da intervenção da deputada grega Milena Bena na Conferência Europeia pela Amnistia em Portugal, deseja ao povo grego os maiores êxitos na sua luta. Saudamos calorosamente a Conferência Internacional pela Amnistia na Grécia.

OIÇA A RÁDIO!

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36,40 e 43 metros.

Ouvi e popularizai a voz de Portugal Livre!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 e das 23,30 às 23,50 em 36,40 e 43 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 19 às 19,30 h. e das 23,30 às 24 h. em 16,19 e 25 metros e em ondas médias, em 233 metros.

Este jornal representa muitos esforços e perigos. Não o destruas! Passa-o a uma pessoa de tua confiança ou larga-o onde possa ser apanhado por algum trabalhador!

Nos últimos meses tem-se agravado a carestia e a falta de géneros em todo o país; os operários e camponeses vivem em condições cada vez mais duras. A invernia e a paralisação dos trabalhos nos campos aumentaram ainda a miséria do povo trabalhador.

Porque faltam os géneros?

Porque faltam a batata, o trigo, o azeite? Porque o governo arruina a pequena e média lavoura para proteger os interesses dos grandes negociantes e do capital estrangeiro? Vejamos o caso do azeite: 13 milhões de litros de azeite foram recolhidos pela Junta no verão passado e cedidos aos exportadores que os venderam para o estrangeiro, realizando lucros fabulosos e dando ao Estado um prejuízo de 2\$50 em litro! Os salazaristas já sabiam que o azeite iria ser insuficiente por ser ano de contra-safra, mas isso não os deteve.

Quanto à falta da batata, ela não se deve só ao tempo desfavorável, ela deve-se a que muitos pequenos produtores, arruinados pela queda dos preços em 1961 abandonaram os cultivos no ano passado. No entanto, o secretário do Comércio tem o arrojo de dizer que a falta de batata foi devida a ter-se ido longe demais na protecção dos interesses dos produtores e reclama um lugar maior para os importadores no abastecimento público. Ele age assim descaradamente contra os interesses da lavoura e em defesa dos grandes negociantes metidos na Junta das Frutas que fazem fortunas lançando no mercado nacional o excesso da produção dos imperialistas americanos.

A carestia

é o resultado da guerra

A conferência de imprensa do

Campanha dos Mil Contos

Em frente até aos Mil Contos!

O número extraordinário de rubricas que têm sido recebidas para a grande Campanha dos Mil Contos e a falta de espaço no nosso jornal obriga nos a publicá-las em separado e a adiar para o próximo número a publicação das rubricas normais em nosso poder.

As receitas recolhidas para a Campanha até Janeiro ultrapassam os 500 contos e totalizam 520.839\$60. No próximo número publicaremos muitas outras rubricas que recebemos, relativas a Janeiro e Fevereiro.

A Campanha dos Mil Contos foi marcada de Outubro do ano passado a Fevereiro. Não é possível ainda fazer o balanço das receitas até Fevereiro mas podemos divulgar que várias organizações do Partido cumpriram já o plano que tinham traçado. Outras organizações encontravam-se em fins de Janeiro próximo da sua conclusão mas há ainda outras que se encontram muito atrasadas. Isto tem levado muitos camaradas a desejar prosseguir a Campanha para além de Fevereiro, demonstrando as possibilidades e a vontade de alcançarem as verbas que colocaram nos seus planos.

Antes de se fazer o balanço do que foi a Campanha até fins de Fevereiro, decerto todos compreenderão que o que importa, o que é preciso é ATINGIR OS MIL CONTOS. Há muita gente que ainda não contribuiu para a nossa Campanha. De alguns lados vem-nos a informação de que estão em curso iniciativas, festas e sorteios; outros, aborçam-se com êxito simpatizantes do Partido e anti-fascistas com que não havia contactos há muito tempo e que mostraram satisfação em ajudar o Partido.

A Campanha dos Mil Contos é necessária para realizarmos a tarefa de tornar o nosso Partido muito mais forte e mais influente. A Campanha dos Mil Contos é uma importante tarefa política para todos os comunistas e a ela está ligado o êxito das resoluções do Comité Central, em Dezembro e Janeiro.

POR UM T

ministro da Economia em 19 de Março serviu para se reconhecer abertamente aquilo que se vinha negando: que o país entrou numa crise económica e que é sobre os trabalhadores que recai o peso dessa crise.

Como o nosso Partido afirmou desde o princípio, os impostos lançados pelo governo para sustentar a guerra, recaem quase inteiramente sobre os ombros dos trabalhadores porque a burguesia defende os seus lucros aumentando os preços das mercadorias.

A crise vai agravar-se nos próximos meses. Uma economia atrasada como a do nosso país não pode suportar por muito tempo uma carga de 4 milhões de contos em despesas de guerra, como os que estão orçamentados para este ano. Se se acentuar a quebra nas importações de maquinaria e nos investimentos de capitais, uma crise de grandes proporções pode estalar.

A única medida encarada pelo governo para enfrentar a situação é atrasar a bancarrota, comprando o apoio dos imperialistas (empréstimo de 7 milhões de contos dos americanos, alemães e franceses, medidas para a «integração do espaço económico português» que abrem as portas aos investimentos de capital estrangeiro, etc).

Para estes não há crise!

Enquanto por todo o país os trabalhadores vêm os seus filhos definharem com fome, os tubarões da grande burguesia sentam-se nas assembleias gerais dos bancos e companhias para repartirem os lucros arrancados à exploração do povo. Nos seus discursos, eles rezoiziam-se com a política salazarista de repressão, fome e guerra, como

COMPLETEMOS A CAMPANHA EM FRENTE ATÉ AOS MIL CONTOS.

Transporte do suplemento	508.391\$00
Vamos em frente (A)	15.00
Vários cupons	470\$
Velha guarda	20.00
Venceremos	10.00
Idem	5.00
Idem	20.00
Idem	50.00
Vermelhos do mar	448.00
Vida e luta	2.ª prestação 20\$
Viseu	10.00
Viseu (G)	25.00
Vitória (C)	800.00
Vitória (C) «vermelha»	125.00
Viva a campanha	58.00
Idem	184.00
Idem	20.00
Viva a ciência soviética	40.00
Viva a Paz	500.00
Idem	10.00
Idem	1.000\$00
Idem	50.00
Viva a Frente Patriótica	595.00
Viva Lenine	150.00
Viva o comunismo	30.00
Idem (A)	40.00
Viva o Partido	5.076\$00
Viva o P.C.P.	84.00
o povo cubano e o seu chefe	1.211\$70
P. Castro	10.00
Viva o progresso	250.00
Viva o socialismo	75.00
Viva o 31 de Janeiro	110.00
Volvarina	20.00
Vostokas, novas estrelas (Cupon 316)	100.00
V. S.	100.00
Zeca	20.00
1 amigo do Partido	50.00
1 cupon	10.00
Idem	100.00
Idem	100.00
1 íntimo amigo	500.00
1 operário agrícola	50.00
1.º de Maio	200.00
1 operário agrícola	25.00
Idem	22.00
2 amigos do Partido	50.00
2 cupons (p)	20.00
Idem	200.00
Idem RPL	20.00
3 «(L)»	70.00
3 «(C)»	30.00
5 funcionários	50\$
4 amigos	40.00
4 cupons	140.00
5 portugueses em França	1.211\$70
2 gémeas	500.00
6 cupons	80.00

DE MAIO DE LUTA!

Concentração nos Telefones Os trabalhadores vencem

No dia 16 de Janeiro, à tarde, os trabalhadores dos telefones de Lisboa, que há meses vêm lutando na empresa e no sindicato, organizaram uma grande concentração no pátio da empresa. Mais de mil operários e empregados reclamaram a assinatura do novo contrato de trabalho com aumento de salários, exigindo a presença da direcção da companhia. Mas os patrões ingleses tiveram a reacção habitual. O eng. Severo Cunha mandou chamar a polícia e deu um quarto de hora ao pessoal para dispersar.

Passados alguns minutos surgiam em torno dos Telefones as matilhas

a sua própria política. Eis os lucros (em contos) que eles confessam:

Banco Totta Aliança	18.700
P. & Sotto Maior	24.000
«Espírito Santo»	50.500
«Português Atlântico»	35.000
«Fonseca, Santos»	24.250
«Lisboa & Açores»	16.950
«Comercial de Angola»	9.600
Comp. Nac. Navegação	18.950
Companhia das Águas	10.800
Comp. de Celulose	46.800

Estas 10 sociedades (que não são as maiores) anunciaram em 1962 lucros que excedem o salário de 25 mil operários durante todo o ano. Assim, a crise que está fazendo baixar o salário real dos trabalhadores e que continua a arruinar a pequena e média lavoura, é a base para os super-lucros dos bancos e grandes companhias.

Operários, Camponeses, Trabalhadores!

Para travar a subida do custo de vida, para conseguir aumentos de salários, jornas, ordenados, é preciso alargar a unidade, a acção e organização dos trabalhadores! Unidade e acção na luta por melhores salários, contra as multas e descontos, contra o desemprego e a carestia!

Organizai petições, reclamações, concentrações, marchas da fome e manifestações!

A MORTE DA DR.ª MARIA ISABEL ABOIM INGLÊS

O falecimento da Dra. Maria Isabel Aboim Inglês foi uma perda para a causa democrática no nosso país. Com invulgar firmeza, a Dra. Maria Isabel Aboim Inglês defendeu ao longo dos anos os seus ideais de democrata coerente, dando em todas as oportunidades um exemplo de coragem e intransigência perante a perseguição odienta que os salazaristas lhe moveram.

À sua família e em especial a seu filho, o nosso camarada Carlos Aboim Inglês, há cinco anos encarado nas prisões políticas, o «Avante!» apresenta os seus pesames. O exemplo de Maria Isabel Aboim Inglês não será esquecido.

de polícias de choque e agentes da PIDE; carros da polícia bloquearam as ruas e os auto-falantes intimavam os manifestantes a dispersar. Mas os trabalhadores sem se atemorizarem com o aparato repressivo lançado pelo governo em apoio dos grandes capitalistas ingleses, continuaram a manifestação gritando: «Temos fome! Mais dinheiro!»

Esta imponente concentração, a terceira dos últimos meses, acabou por convencer a direcção da necessidade de ceder.

Em princípios de Março foi finalmente assinado o novo contrato de trabalho que abrange 5.000 trabalhadores da Companhia dos Telefones. Embora não satisfazendo to-

Ceifeiros!

ORGANIZAI DESDE JÁ A VOSSA LUTA!

Num apelo recentemente difundido, o jornal «O Camponês» chama todos os ceifeiros e ceifeiras a não deixarem trabalhar as máquinas enquanto houver foices paradas, a lutarem firmemente pela jornada de 8 horas e pelos 40\$00 para os homens e 30\$00 para as mulheres, a não aceitarem as empreitadas, a enfrentarem com coragem a repressão. Este ano, os ceifeiros do Alentejo e Ribatejo poderão conquistar novas vitórias se se unirem desde já fazendo reuniões e formando as suas comissões de unidade para os dirigirem na luta.

As acções dos operários agrícolas nos últimos meses, resistindo valentemente ao desemprego e à fome, criam condições favoráveis para a luta nas ceifas. Eis algumas

das as reivindicações, o novo contrato é uma vitória dos trabalhadores, que não devem afrouxar na defesa das suas reivindicações.

Depois da luta vitoriosa dos trabalhadores da Carris, a vitória do pessoal dos Telefones mostra que é precisa MAIS AUDÁCIA na luta contra o patronato. As concentrações, as manifestações, as greves são o argumento mais forte quando a grande burguesia se recusa a ouvir as suas reivindicações e são também a forma de travar a repressão policial. A vitória do pessoal dos Telefones tem um valor especial por ter sido arrancada aos grandes capitalistas ingleses. Na luta contra a exploração do grande capital estrangeiro, a classe operária reforça a sua unidade e a sua consciência anti-imperialista.

O «Avante!» saúda os trabalhadores dos Telefones pela sua persistência, unidade e firmeza. Apelamos para a classe operária de Lisboa para que siga o brilhante exemplo do pessoal dos Telefones.

dessas acções:
MONTEMOR-O-NOVO — 160 trabalhadores concentraram-se por duas vezes em Janeiro na Casa do Povo, conseguindo trabalho para todos nas estradas a 22\$ e com horário de 8 horas.

MESSEJANA — houve uma concentração de 200 trabalhadores na Casa do Povo reclamando trabalho.

ALJUSTREL — 50 homens foram três vezes à Câmara e Casa do Povo; como lhes dessem trabalho numa estrada muito distante e a menos de 20\$00 por dia, quase todos recusaram.

MOURA — 200 trabalhadores dos legares lutaram firmemente por novas condições de pagamento do trabalho e acabaram por conseguí-las.

VENDAS NOVAS — 30 homens que arrancam pedra para obras numa estrada recusaram-se a carregar as camionetas depois do horário de trabalho. O empregatário mandou para lá 2 trabalhadores da estrada mas o pessoal da pedreira não consentiu que carregassem nenhuma camioneta e impôs as suas condições ao empregatário.



como vivem e lutam os trabalhadores

NA SIDERURGIA

Na Siderurgia (Seixal) foram intoxicados com gases no dia 17 de Fevereiro cerca de 20 operários por o queimador de gás estar avariado há mais de um ano. A gerência não tomou ainda medidas para reparar o queimador e tratou de abafar o caso; entretanto, novos acidentes podem surgir e está em risco a saúde da população da vila.

Em toda a empresa está a fazer-se aumentar o ritmo de trabalho e aplicam-se castigos (o chefe da secção de transportes, eng. Costa Graça, suspendeu um operário por dois dias por ter largado o serviço três minutos antes da hora estando já rendido pelo colega). Ao mesmo tempo os aumentos de salários, prometidos desde Junho de 1961, não aparecem. Os operários da Siderurgia devem fazer larga agitação entre os seus companheiros para lhes mostrar que com pedidos individuais de aumento nada se consegue e que é preciso agir organizadamente, por secções, fazendo sentir aos patrões o seu descontentamento.

«RELAÇÕES HUMANAS»

Os propagandistas da burguesia e do corporativismo costumam negar a luta de classes, que dizem ser uma diabólica invenção dos comunistas e pregam as «relações humanas» entre patrões e operários. Um bom exemplo de «relações humanas» é-nos dado pela SONAP (Soc. Nac. de Petróleos) na Banáica; em frente de Lisboa.

Desde 1 de Junho de 1962 que a direcção, com a ajuda do eng. Lima Antunes, vem obrigando os motoristas e ajudantes a fazerem 15 horas de trabalho por dia sem que lhes seja pago o trabalho

O CAMINHO DA LUTA

Manifestação no Porto

Uma grande concentração de trabalhadores ocupou a Praça Carlos Alberto, no Porto, no dia 24 de Janeiro; eram os trabalhadores do gás e electricidade que, fartos de fazer diligências sem serem atendidos, se juntaram em frente da sede dos serviços, gritando em coro: «Queremos aumento!».

Dentro de pouco tempo, muitos trabalhadores que passavam juntavam-se à manifestação. As autoridades não encontraram outra forma de resolver o problema senão mandando a polícia carregar a cassetete sobre os manifestantes.

Em toda a cidade foi comentada a acção do pessoal do Gás e Electricidade como um exemplo a seguir

Os operários não consentiram

No dia 4 de Janeiro, foi afixada na LISNAVE (estaleiros navais da CUF) uma nota avisando que o pagamento do salário (quinzenal) passaria a ser dividido em duas partes. No dia seguinte circularam pelas oficinas cartas de protesto que foram cobertas com centenas de assinaturas dos operários. A gerência teve que suspender a decisão. Nesta mesma empresa, os operários da caldeiraria reclamaram promoções.

Vitória dos pescadores

Depois duma dura e prolongada luta que culminou na greve de dois dias, conforme noticiámos, os pescadores da Gafanha (Aveiro) conquistaram recentemente um aumento geral de 10\$00 passando os salários para 35\$00 e 38\$00.

extraordinário. O pagamento é obrigarem os operários a assinarem uma declaração em como oferecem o dinheiro ao grupo desportivo; alguns operários que se quiseram opôr a esta extorsão foram ameaçados de despedimento!

Outro caso: os operários do armazém são obrigados a comparecer ao serviço a qualquer hora, mesmo de madrugada, para abastecer os navios, mas nunca recebem subsídios ou qualquer bono; por este trabalho extraordinário. Estas são as «relações humanas» tal como as entendem os capitalistas Queirós Pereira, Castro Caldas e outros tubarões da SONAP. É claro que só a união e firmeza dos operários pode pôr fim a esta infame exploração.

O I.N.T. EM DEFESA DOS PATRÕES

Na empresa de lenifícios J. Paulo de Oliveira (Covilhã) o patrão está a forçar os operários a trabalharem até às 3 horas da noite e paga-lhes as horas extraordinárias sem qualquer aumento. Um grupo de trabalhadores foi ao INT mas o delegado disse-lhes que não há nada a fazer, visto o patrão ter autorização superior...

Os trabalhadores sabem que o Instituto Nacional de Trabalho é mais um órgão ao serviço do patronato; contendo apenas com a sua força, eles devem continuar a lutar, mas em maior número, na empresa, no sindicato e no Instituto Nacional de Trabalho.

UM ROUBO

Por toda a parte se repetem os casos de roubo descarado pelos patrões do dinheiro descontado nos salários. Na Fábrica de Faianças S. Roque (Aveiro), os 200 operários estavam há oito meses sem receberem bono de família apesar de descontarem. Foram protestar ao sindicato que interveio; junto dos patrões mas a resposta destes foi que não tinham dinheiro! Perante a indignação do pessoal contra o roubo do seu dinheiro, o Sindicato, adiantou o pagamento do bono de dois meses. Mas isto não é o suficiente; os operários devem agora obrigar os patrões a pagarem-lhes os restantes meses de bono roubados aos seus magros salários.

Começou há dois anos a guerra de Angola

LUTEMOS CONTRA A GUERRA!



Há dois anos o povo de Angola iniciou a luta armada pela sua libertação. Hoje, ao começar o terceiro ano de guerra, o povo português dá o balanço aos resultados da política colonial salazarista: a luta armada estendeu-se de Angola à Guiné, a Moçambique, a Timor, cada vez mais intensa; o povo de Goa libertou-se do colonialismo; o exército português está manchado por monstruosos crimes contra a humanidade, tendo massacrado já dezenas de milhares de africanos; todos os dias morrem soldados portugueses; a política de guerra consome os recursos do país e pesa cada vez mais sobre os ombros dos trabalhadores; Portugal está isolado e desprestigiado no mundo.

Porque persiste Salazar nesta política desastrosa? Porque os lucros da exploração colonial são uma questão de vida ou de morte para a grande burguesia. Perder as colónias significará a bancarrota dos grupos dominantes portugueses. Manuel de Melo, Champalimaud, Espírito Santo, Pinto Basto, o conde da Covilhã, Manuel Pinto de Azevedo, Vieira Machado, Sousa Lara, Queiroz Pereira — os grandes tubarões da finança, apoiando-se no imperialismo americano, impõem a continuação da guerra sem querer saber dos sacrifícios que ela acarreta.

Pelo seu lado, os trabalhadores, os soldados, todos os democratas e patriotas portugueses, vêm lutando corajosamente contra a guerra, conscientes de que ela é uma guer-

A guerra enfrenta-se com acções

Cerca de 400 médicos com idades até 34 anos foram reinspectados para seguirem mobilizados para a guerra nas colónias. Esta medida do governo, que está provocando grandes dificuldades nos hospitais e serviços médicos, deu lugar a um protesto organizado dos médicos que, depois de várias reuniões, entregaram ao ministério do Exército uma exposição assinada reclamando contra os prejuízos da mobilização. Apesar de ameaçados de prisão pela sua «indisciplina», os médicos levaram à frente a sua acção. Muitos médicos, recusando-se a ir tomar parte na guerra, têm desertado.

Durante uma das aulas do curso de oficiais milicianos em Mafra, o oficial instrutor que fala sobre a guerra é interrompido por um cadete que lhe faz uma simples pergunta: porque se continua a falar em guerra se Salazar anunciou há já um ano que ela tinha terminado? Acesso de fúria do oficial que acusa os «senhores cadetes» de falta de patriotismo. A aula termina em borborinho.

Em fins de Dezembro foram distribuídas tarjetas contra a guerra no 2.º Grupo de Companhias de Saúde, em Coimbra, provocando agitação entre os soldados. O comandante mandou revistar as caixas dos soldados e prendeu 7 que foram entregues à PIDE. Os agentes da PIDE apareceram no quartel, interrogando soldados e sargentos. O ambiente é, como noutros quartéis, abertamente contrário à ida para as colónias.

Durante uma das refeições na Escola Prática de Infantaria (Mafra) houve um protesto colectivo porque a comida não chegava e o oficial do rancho foi esbafoado. O comandante apareceu ameaçando «esmagar todas as posições colectivas», mas a sua autoridade é muito pouco acatada.

ra reaccionária e anti-patriótica. Importantes acções foram desencadeadas nestes dois anos. Mas elas são ainda insuficientes.

No início do terceiro ano da guerra colonial, apelamos para que redobrem as acções populares, num grande movimento contra a guerra. 1963 pode ser o último ano da guerra colonial. Os povos das colónias portuguesas, cuja luta recebeu um poderoso impulso na Conferência de Solidariedade Afro-Asiática, realizada em Fevereiro no Tanganica, vão conseguir no decurso deste ano novas vitórias, por maiores que sejam os crimes do governo de Salazar. Que o movimento contra a guerra registre também novos triunfos no nosso país! Lutando em campos diferentes contra o fascismo salazarista, o povo português e os povos das colónias apoiam-se mutuamente na sua luta. Eles triunfarão sobre a grande burguesia reaccionária!

Unidade na luta CONTRA A GUERRA COLONIAL

Apreciando o problema colonial, a Conferência da Oposição recentemente realizada chegou às seguintes conclusões:

a) consideram que o movimento unitário da Oposição deve reafirmar o reconhecimento do direito dos povos das colónias portuguesas à auto-determinação e à independência;

b) consideram que as forças democráticas e patrióticas portuguesas devem intensificar a sua acção contra a política colonial de Salazar que conduz Portugal a uma catástrofe nacional e lutar por uma solução justa do problema colonial, defendendo: 1) a cessação imediata das operações militares em Angola e retirada das tropas expedicionárias; 2) a necessidade de abertura de negociações com as organizações nacionalistas africanas; 3) o estabelecimento das liberdades democráticas nas colónias portuguesas, nomeadamente a liberdade de actuação política dos movimentos nacionalistas; 4) a libertação de todos os presos políticos das colónias portuguesas;

c) consideram necessário na luta comum contra a ditadura fascista e colonialista de Salazar o estabelecimento de contactos regulares da F.P.L.N. com as organizações nacionalistas das colónias portuguesas e, sempre que possível, a cooperação e a negociação.

Estas conclusões comuns dos agrupamentos representados na Conferência abrem grandes perspectivas ao alargamento da luta contra a guerra colonial. Devemos popularizá-las por toda a parte e, com base nelas, chamar todos os anti-fascistas à acção.

A luta na Guiné

Amílcar Cabral, secretário-geral do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, ouvido em Dezembro na ONU, reafirmou que a luta anti-colonialista não é dirigida contra o povo português a quem prestou homenagem e lançou novo apelo para que o povo português dê um apoio concreto à luta de libertação e se oponha formalmente à guerra colonial que lhe é imposta.

Cabral caracteriza assim a situação: «Apesar da repressão, a população, mobilizada, organizada e dirigida pelo P.A.I., luta corajosamente, intensifica os actos de sabotagem, continua a isolar da capital (Bissau) mais dum terço parte do país, e reforça-se a consciência do povo».

Cabral voltou a propor negociações para cessar imediatamente a luta armada.

A VERDADE sobre a guerra

O governo esconde todas as notícias da guerra, o que os salazaristas mais lemem é que o povo se levante e pedir contas dos crimes que estão a ser cometidos e das tremendas perdas de vidas humanas. Por isso é muito importante DIVULGAR POR TODA A PARTE A VERDADE SOBRE A GUERRA. Eis algumas notícias que nos chegaram e que devem ser divulgadas:

— No dia 22 de Janeiro uma força de 200 guineenses atacou um posto português causando 6 mortos e muitos feridos no nosso exército, alguns dos quais se encontram em estado grave.

— No dia 24 de Janeiro veio preso de Angola o capitão Carlos Marques de Carvalho, comandante da 2.ª divisão de Caçadores especiais de Paraquedistas, que desertara.

— Vieram para as prisões de Portugal os seguintes militares presos na Guiné em 20 de Novembro, sob a acusação de actividades subversivas: alferes António José Branquinho, alferes António Iria Reves, capitão Amílcar A. F. Domingues, alferes Jorge Manuel Silva, furriéis milicianos Manuel Luz e Eduardo Jesus, 1.º cabo José Valente.

— Uma carta dum soldado: «Quanto ao terrorismo, tenho muito que contar. Eles deitam pontes abaixo e cortam fios telefónicos e matam chefes das tribos que os atraíam. Foram apanhados, um dia destes, oitenta e tal pretos, demos-lhe tanta porrada que morreram, depois atámos-lhes pedras ao pescoço, pesadas, e deitámos-os ao rio. Isto não falando noutras coisas que fazemos». Outra carta: «Os pretos são postos em fila, metida a cabeça num cepo e cortámos-lhe a cabeça; outros são apanhados, apontamos-lhes as pistolas e vão desta para melhor. Foi apanhado um preto que para exemplo cortámos-lhe um braço».

— Em fins de Dezembro houve um grande combate no norte da Guiné entre fuzileiros navais e um grupo de 200 africanos, ficaram feridos vários fuzileiros entre eles o comandante, um 2.º tenente.

— As forças sob o comando do tenente-coronel Spinola, num total de 240 homens, sofreram até 15 de Dezembro 24 mortos e 99 feridos.

— Nos combates que se travaram em Cabinda morreram 20 soldados, segundo um comunicado do M.P.L.A..

— Recentemente as forças angolanas de libertação alargaram a luta ao distrito de Lunde, onde ficam as minas de diamantes. Os angolanos dominam grande parte do norte da colónia.

— Travou-se no norte de Angola um grande combate em que tomaram parte 8 pilotes, a artilharia lançou mais de mil granadas e interveio a aviação; no fim encontraram só 8 angolanos mortos; do lado português, morreram 6 soldados.

RADIO PORTUGAL LIVRE Um ano de luta

Em 12 de Março de 1962, fez agora um ano foi pela primeira vez para o ar a voz de Portugal democrático: a Rádio Portugal Livre iniciou a sua luta ao serviço do povo, da democracia, da independência nacional, contra os opressores salazaristas. Desde então, dia a dia, a R.P.L. no seu posto de combate, tem informado, esclarecido, desmascarado os crimes da ditadura, tem chamado incansavelmente à luta os trabalhadores, todo o povo.

A R.P.L. é uma arma poderosa ao serviço da luta pelo derrubamento do fascismo. Tornemo-la mais poderosa ainda! Organizemos grupos de ouvintes, espalhemos por toda a parte o horário das suas emissões, enviemos-lhe notícias e sugestões, recolhemos dinheiro para auxiliar o seu funcionamento.

Horário das emissões:

Transmite diariamente das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Ouvi e popularizai a voz de Portugal Livre!

Congresso Mundial das mulheres APELO ÀS MULHERES PORTUGUESAS

Em Junho vai realizar-se em Moscovo o Congresso Mundial das Mulheres, promovido pela Federação Democrática Internacional das Mulheres. Delegações de mulheres de todos os pontos do mundo reunir-se-ão para discutir as questões vitais do seu destino:

— Responsabilidade da sociedade para garantir à mulher a plena igualdade, os seus direitos como mãe, trabalhadora e cidadã, e a necessidade para as mulheres de lutarem pela conquista, defesa e aplicação desses direitos;

— Contribuição das mulheres para a luta por um mundo de paz, pelo desarmamento universal, transformação dos orçamentos de guerra em orçamentos de paz pela amizade entre os povos e a coexistência pacífica;

— Participação das mulheres nas

lutas pela independência política e económica de todos os países e contra todas as formas de colonialismo, condições fundamentais para a melhoria da vida das famílias;

— Papel das mulheres para proteger a infância e a juventude e para que se lhes garanta uma educação num espírito de paz e amizade.

As mulheres portuguesas também devem estar presentes neste Congresso; a sua difícil situação, as suas aspirações, as suas lutas devem ser levadas ao Congresso Mundial.

Chamamos todas as mulheres à acção: Que se organizem comissões de apoio ao Congresso, que se façam relatórios e cartas sobre as condições de trabalho das mulheres operárias e camponesas, que se recolham mensagens e saudações, que se recolha dinheiro para permitir a ida de uma delegação de mulheres a Moscovo! Todas unidas em torno das grandes aspirações comuns das mulheres: assegurar a Paz, o bem estar dos povos, a felicidade das crianças!

PREPAREMOS NO 1.º DE MAIO
UMA JORNADA DE LUTA CONTRA A GUERRA